Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

| Preços da assignatura | Anno 36 n.os | Semest. 18 n.os | Trim. 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, moeda forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem) ........ | 4$000 | 2$000 | -$- | -$- |
| Extrangeiro (união geral dos correios). | 5$000 | 2$500 | -$- | -$- |

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 279

21 DE SETEMBRO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.


## CHRONICA OCCIDENTAL

Esta chronica hoje é escripta do Bom Jesus do Monte, junto da mesma janella do quarto do Grande Hotel do Elevador, d'onde ha quatro annos escrevi tambem uma ou duas chronicas para o Occidente.

O dia está esplendido, o ceo d'um azul d'outomno, e os horisontes vastissimos desenham-se com uma nitidez limpida, recortados muito longe por serras, cordilheira enorme de montanhas que se desdobram umas sobre outras em curvas graciosas.

O panorama é exactamente o mesmo panorama grandioso e risonho, que d'este mesmo logar, para este mesmo periodico descrevi pallidamente ha quatro annos, se a memoria me não falha.

Por entre a verdura, de tons tão variados, do arvoredo frondoso que cobre a vastissima planicie que se desenrola em frente da famosa montanha do Bom Jesus, apparece aqui e ali, em zig-zags, a estrada branca que vae serpenteando até Braga Augusta que se alastra lá em baixo ao pé das serranias, com os seus telhados negros, e as suas claras bolas de vidro, que scintillam como brilhantes enormes á luz clara d'um sol ainda quente.

N'essa estrada é que de vez em quando surge uma novidade no panorama, um penacho negro de fumo acompanhado d'uma respiração offegante, que dir-se-hia d'um cyclope asthmatico; a machina a vapor que conduz de Braga ao Bom Jesus os carros americanos, como no Porto, da Boa-Vista á Foz, uns progressos de provincia que fazem córar Lisboa, que fazem ruborisar a capital e subir a vermelhidão aos focinhos dos muares que passam a sua triste vida a correr do Intendente para a ponte d'Algés, e da ponte d'Algés para o Intendente, como se o vapor ainda não tivesse sido descoberto, e como se o sr. Correia Leite ha mais de dez annos não tivesse demonstrado com factos, como se pode levar do Calvario a Pedrouços um americano movido a vapor!

A machina substituindo as mulas, e muitas vezes as juntas de bois que ha quatro annos ainda traziam os passageiros do Campo de Sant'Anna ao elevador do Bom Jesus foi a grande novidade que encontramos em Braga logo ao desembarcar do caminho de ferro.

Cá em cima no explendido hotel do Gomes esperava-nos tambem outra novidade — um outro progresso! — a illuminação pela electricidade, essa illuminação a que Lisboa tem resistido com uma teimosia imbecil, e que vae fazendo o seu caminho no Porto, e que já chegou até cá acima ao sanctuario do Bom Jesus.

Encontramos portanto em Braga e no Bom Jesus duas cousas que não se encontram em Lisboa, americanos a vapor e hoteis illuminados a luz electrica, e não foram só estas as novidades que encontramos aqui: n'outro genero muito differente mas não menos agradavel — muito mais até, diria, se não estivesse ainda dyspepetico, encontrei no Grande Hotel do Elevador mais superioridades sobre Lisboa, por exemplo um pão fabricado na padaria do mesmo dono do hotel, o Gomes, o Burnay de Braga, um pão delicioso como se não encontra em nenhuma padaria lisboeta, um esperregado magnifico que ganharia bem uma medalha d'ouro ao cosinheiro do hotel, em qualquer certamen culinario, e a agua da fonte detraz da igreja a agua mais leve e mais fria que ha em todo o paiz, e que dizem ter sómente uma rival na celebre fonte fria do Bussaco.

Ora tudo isto, uns dias magnificos a adivinharem outomno, um ar excellente cortado de todos os lados por montanhas enormes, e purificado por arvoredos gigantescos, explendida agua, hotel com as commodidades que o hospede mais exigente

Castello do Sabugal (Desenho do natural por Abel Aracio)

pode desejar, tudo isto é muito bom para se passar uma temporada maravilhosa, mas não serve para fazer uma chronica de Lisboa.

Por isso meus senhores, não esperem que eu hoje lhes dê noticias da *viagem á Suissa*, que não vi, nem da abertura da Trindade a que não assisti, nem dos acontecimentos de Lisboa que são tão pouco importantes — se os ha — que nem aqui tem chegado, e em vez d'isso, sem de forma alguma tentar fazer impressões de viagem, dar-lhes-hei hoje umas notas rapidas da minha modesta digressão de quinze dias, de que estou descançando aqui regaladamente á sombra protectora do Longuinhos, preparando-me para voltar á *faina* do inverno lisboeta.

A viagem de Lisboa ao Porto não tem episodios; mais demora de cinco minutos n'uma estação, aqui tres passageiros que saltam, ali quatro que entram; peras e pecegos até ao Entroncamento; arrufadas indicando a proximidade de Coimbra, os ovos molles a gritarem alem *Aveiro! Aveiro!*

Espinho illuminado com grande animação de praia elegante, a ponte Maria Pia com o seu panorama magnifico, e o silencio respeitoso que sempre, apesar de ter já os seus dez annos, todos guardam religiosamente ao passar aquella formidavel altura, e finalmente Campanhã, com os seus corretores d'hoteis a lançarem-se avidos aos passageiros como os catraeiros do Tejo quando algum estrangeiro commette a ousadia de se acercar dos caes do aterro.

A nossa entrada no Porto começou por um engano.

Um amigo nosso, que muito presamos, o sr. Mendonça e Costa recommendara-nos especialmente um hotel do Porto, o *Hotel Victoria* e dera-nos um bilhete seu para o proprietario.

Não sei como mettemos o bilhete na algibeira, com a convicção profunda de que era America o nome do hotel.

E por isso, quando nos assaltaram os corretores, gritando uns:

— Grande Hotel do Porto!
— Hotel Francfort, outros,
— Hotel Braganza,
— Hotel Alliança,
— Hotel Universal,

não fizemos caso do *boniment*, e deitámos a mão resolutamente áquelle que nos offerecia: — Hotel America!

Hotel America e Grande Hotel Central, vem a ser hoje uma e a mesma coisa.

Os dois hoteis matrimonisaram-se, isto é, o dono do Hotel Central, o sr. Manuel Gulçalves da Gama desposou a proprietaria — viuva do Hotel America, d'ahi a juncção dos dois corações e das duas hospedarias, que ficaram tendo uma só meza redonda — as hospedarias, bem entendido é que vão passar a usar só do titulo de Hotel America, desapparecendo o titulo de Grande Hotel Cental, e com sua rasão porque o hotel nem era grande, nem era central, porque a rua de S. Lazaro não é com certeza a rua central da cidade invicta.

Chegámos ao hotel ás 10 horas da noite, e quando iamos a entregar ao seu proprietario o nosso bilhete de recommendação é que reparámos no nosso engano e que como um bom Yanke tinhamos tomado America como synonimo de Victoria.

Em summa, estavamos já alli e não sabimos, e diga-se em abono da verdade tambem que não nos arrependemos, porque fomos muito bem tratados durante os quatro dias que lá estivemos, não querendo de fórma alguma lançar á conta do dono do Hotel que é amavel e sollicito para com todos os seus hospedes, algumas negligencias dos creados, algumas faltas de serviço que provém sobretudo de em alguns hoteis do Porto se considerarem horas mortas, todas as horas que passam além das 10 da noite.

Depois de tres dias no Porto, passados a estudar locaes e scenarios para alguns dos capitulos dos *Invisiveis de Lisboa*, uma tentativa de romance de enredo que David Corazzi nos encarregou a Jayme Victor e a nós, partimos para Vigo.

A viagem a Vigo deliciosa, encantadora, pela belleza estranha das paysagens do nosso Minho e da Galiza, que é o Minho em grande, na phrase verdadeira de Guerra Junqueiro, é uma massada horrorosa, mercê da companhia hespanhola dos caminhos de ferro de Vigo a Orense.

Até Valença portugueza vae tudo muito bem: ahi, muda-se de comboio, para as carruagens hespanholas, passa-se a ponte sobre o rio Minho, uma esplendida ponte inaugurada ha poucos mezes e chega-se a Tuy.

Ahi principia a *dolorosa via*.

As bagagens são revistadas demoradamente pelo sr. Visto, como a gente do sitio chama aos agentes fiscaes e o comboio espera ahi mais de uma hora, defronte d'uma reles estação de madeira onde nem sequer ha agua para beber, que a alfandega hespanhola cumpra o seu dever.

Depois d'essa longa demora o comboio segue ronceiramente para Guilleray, e ahi em vez de meia hora espera-se uma hora e mais, quando Deus quer, que chegue o comboio de Orense, e torna-se a mudar de carruagem e torna-se a esperar, a esperar, a esperar até que emfim o comboio parte, para se demorar outra vez meia hora em Porrinhos, outra meia hora em Redondella cujo viaducto passando sobre a villa a grande altura é d'um effeito magnifico, atravessando depois um grande tunnel onde o fumo da machina espalhando-se pelas carruagens quasi que asphixia os passageiros, e seguindo emfim para Vigo, pela margem da formosa bahia, um caminho pittoresco, magnifico, que faz com que se esqueçam todas as agruras da viagem.

E depois de longas cinco horas de viagem o comboio chega á estação de Vigo, quando, se a viagem fosse rapida, bem combinada, sem aquellas demoras, podia fazer-se n'uma hora sem milagre algum de velocidade.

Estamos em Vigo, emfim atravessamos a formosa cidade com as suas amplas ruas modernas, os seus bellos edificios, os seus grandes jardins, e ao passarmos por um café, o café *Colon*, ao ouvirmos lá dentro tocar a musica, ao espreitarmos por uma porta e ao vermos o café cheio de homens e de senhoras, tomando *mant igans* pelos seus canudos de farinha bem tortada, conversando ruidosamente, abanando-se com vistosos abanicos, e saboreando chocolate que se corta a faca, comprehendemos logo que estamos em terra de Hespanha.

E d'ahi a momentos descançavamos regaladamente da massada da viagem, nos colchões de molas do Hotel Continental, cujas janellas se debruçam para ampla bahia de Vigo illuminada em cheio pela pleno luz do luar.

*Gervasio Lobato.*

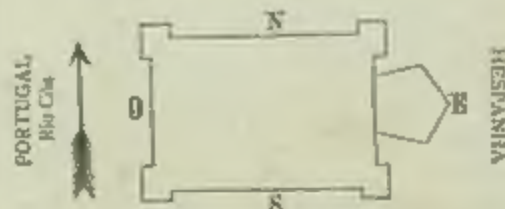
## CASTELLO DO SABUGAL

É um monumento interessante, porque, além da sua antiguidade, representa o unico exemplar de castello pentagonal que existe no paiz.

A villa do Sabugal assenta sobre a margem direita do rio Côa, que a abraça pelo S. e por O., e dista 30 kilometros da Guarda, 300 de Lisboa, e 16 da raia de Hespanha. É a povoação mais importante dos territorios de Riba Côa (*transcudanos* dos antigos); e veio encorporada no quantioso dote que em terras e valores de varias ordens trouxe para Portugal a rainha Santa Isabel, em 1282, quando esposou o nosso rei D. Diniz.

Este tratou logo de a fortificar, bem como todos os mais pontos que julgou ao tempo serem de importancia estrategica, mandando-lhe então construir na extrema occidental o castello, e pegado com elle a torre de menagem.

Isto diz a tradição, que o *facies* architectonico dos muros do castello parece em parte confirmar. Todavia, a disposição e o local da edificação d'aquella importante obra de defeza induzem-nos a recuar para lá de D. Diniz a data da sua construcção. Com effeito, se o castello tivesse sido edificado pelo monarcha *povoador*, parecia natural que o seu destino seria a defeza da povoação contra os ataques dos leonezes sarracenos, e portanto elle seria mandado levantar a leste da povoação entre esta e a fronteira. Ora succede precisamente o contrario: isto é, o castello e a torre erguem-se a oeste da villa, tendo por fosso natural o Côa, olhando portanto o interior do paiz, e como sendo atalaias de qualquer ataque das bandas da Guarda ou de Coimbra.

Mas ainda ha mais. A planta do castello e torre é a seguinte:

Quer dizer, — a torre de menagem ergue-se do lado oriental, voltada á fronteira, sobre a povoação, e na face opposta áquella que tem por fosso o rio. Ora as torres d'esta ordem eram geralmente o ultimo reducto em que se entrincheirava a defeza, depois de sériamente compromettida. Cahida em poder do inimigo a esplanada do castello, refugiar-se-hiam na torre os restos da guarnição, para opporem ahi a ultima resistencia. E para que este caso se désse com a cidadella do Sabugal, era preciso evidentemente suppor, o quê?... Que o inimigo vinha da margem esquerda do Côa, dos lados da Guarda, de Portugal emfim.

Parece-nos pois não desatremar da verdade affirmando que o castello do Sabugal seria construido em fins do seculo XII por monarcha leonez, com o intuito de prevenir algum ataque dos portuguezes; e que mais tarde D. Diniz o aproveitou e melhorou.

É verdade que uma lenda local affirma que no fecho da mais alta abobada da torre se veem as armas portuguezas com esta inscripção:

> Quem acabou tudo o que quiz;
> Esta fez el-rey Diniz,
> E quem dinheiro tiver,
> Fará tudo o que quizer.

Nós porém não lográmos lêr esta quadra, o que seria talvez devido a não possuirmos uma longa vista de largo alcance. Comtudo, alem d'este facto leva-nos a não dar grande credito á authenticidade da quadra os dois seguintes argumentos: — a orthographia dos versos, nada assoante com a nossa do seculo XIII; no proprio Sabugal muitos moradores informam que esta quadra está gravada não no fecho da torre, mas sob o arco grande da ponte que salva o Côa, á entrada da villa, e cuja edificação é tambem attribuida a D. Diniz.

Ha portanto, entre os proprios indigenas, duvida sobre o local onde existe uma inscripção, que é um anachronismo orthographico; o que dá todo o direito a pôr em duvida a sua authenticidade, tirando-lhe o melhor do seu valor documental.

A nossa estampa representa a face occidental do castello, que fica opposta á fronteira. No sopé do talude da encosta corre o rio Côa, e a meio d'ella sóbe, da ponte para a villa, a estrada que vem da Guarda. A torre de menagem é d'uma grande altura, — perto de 40 metros; e se a estampa a não representa muito alta em relação á muralha do castello, é porque, como pode ver-se da planta, a torre fica muito distante d'esta muralha, pois é adherente á muralha opposta, que fica sobre a villa, e é a oriental.

É de sobejo conhecida a quadra:

> Castello de cinco quinas
> Não o ha em Portugal,
> Senão no cimo do Côa
> Na villa do Sabugal.

A villa conta, pelo censo de 1878, 1:676 habitantes. É povoação mesquinha, mas cabeça de comarca e de concelho. Este, um dos de mais dilatada área do paiz, conta para cima de 31:000 habitantes, distribidos por 44 freguezias.

*A. A.*

## Villa Real de Traz-os-Montes

Villa Real, essa gentil princeza, filha dilecta do rei lavrador D. Diniz, principe insigne em muitas virtudes, que em 1289 mandou proceder á sua fundação, arvorando-a em capital da *terra de Panoias*, demora a 41° e 16' de latitude norte e a 1° 20' de longitude oriental do meridiano de Lisboa.

Assenta, como mostra o nosso dezenho do natural, sobre imponentes alcantis, d'onde se disfructam bellos e pittorescos horizontes.

O solo que lhe serve de base é enxuto, porque os dois rios Corgo e Cabril, que a cercam, correm fundos e vertiginosos; alem d'isso é toda assente em terreno granitico, alto, alegre e arvorejado, com exposição ao nascente, sul e occidente, e por consequencia mimosa, de uma atmosphera oxigenada e cheia de sol, tanto na florida primavera como no fertil estio, no rico outomno e brando inverno.

As montanhas que corôam Villa Real são as serras do Marão a oeste, e a da Machada e do Mezio a noroeste. É n'estas montanhas que tomam origem os rios Cabril e Corgo, que enlaçam nos seus amplissimos braços de crystallina agua a excelsa rainha das villas de Portugal.

Pelo lado de oeste e noroeste segue o Cabril por entre ferteis e deliciosas campinas na sua marcha para o sul da villa; por leste o Corgo corre entre vergeis floridos até á ponte de Santa Margarida, e e d'aqui, depois de formar os celebres Poço Romão, Agueirinho e Poço dos Frades, dirige-se por declivoso alveolo, entre profunda e entaliscada penedia formada de rochas graniticas muito duras, até ao ponto chamado insua, onde se reune ao Cabril, para em seguida, no mesmo leito, irem a 27

kilometros de distancia desaguar no rio Douro, na extremidade oriental da villa da Regoa. Entre estes rios está a formosa capital de Traz-os-Montes recostada sobre pittorescos alcantis, e sempre gentilissima como bello dia de primavera, luminoso e doce, pelos variados encantos que offerece de todos os pontos que se contemple.

Qualquer que seja a estrada que se tenha seguido para chegar a Villa Real, ou se entre pela nova ponte de pedra sobre o Cabril na moderna estrada do Marão e da estrada da Regoa, que convergem em Parada de Cunhos, ou pela ponte de Almodena, a montante da primeira, na antiga estrada do Porto e Torre de Quintella, ou da de Lordello, a nordeste e montante da de Almodena e pontão de Villamarim, ou, descendo a estrada de Chaves, se atravesse pelo norte e nordeste da villa as bellas quintas de S. Mamede e Montezellos, ou finalmente se passe a ponte da Timpeira sobre o Corgo na estrada de Bragança e Sabrosa, a *Villa Real alegre* apresenta-se aos olhos do viajante como a mais risonha das povoações transmontanas. Mas, sobre todos os pontos de vista, sobresae o que se gosa quando se desce de Matheus pela antiga estrada que conduz ao bairro de Santa Margarida na margem esquerda do Corgo, como se vê no desenho que hoje publicamos.

Villa Real, a quem a natureza deu a arte suprema de ser de anno para anno mais formosa, surprehende agradavelmente todos os visitantes estrangeiros. Quanto a nós, filho d'esta seductora villa, quando, depois de havermos percorrido uma grande parte do mundo, voltámos, no fim de vinte annos, a visital-a, mil lembranças do passado nos saltearam o espirito; sentimos esse prazer mesclado de tristeza que experimenta todo o homem sensivel, de largas e arriscadas viagens, quando, depois de mil vaevens da fortuna, torna a ver os logares onde na infancia desfructou alegres e serenos dias.

É grande o amor do villarealense ao *ninho seu paterno*, como prova a canção popular que, com verdadeiro sentimento, diz:

> «Oh! Villa Real alegre,
> Capital de Traz-os-Montes!
> No dia que te não vejo
> Meus olhos são duas fontes!»

Tal é a saudade — tormento doce e magoado — que produz nos filhos ausentes.

Do passeio oriental da primitiva villa, denominada *Villa Velha*, gosa o visitante um panorama caracteristico e muito digno de ser contemplado por quem ama o bello-horrivel.

Fronteiro ao passeio vê-se despenhando-se do alto da grande trincheira da margem esquerda do Corgo, que serpeia furioso a uma profundidade de 150 metros, aproximadamente, o ribeiro de Villalva, ou da *Tourinha*, formando uma catadupa imponente e maravilhosa que faz mover mais de 40 azenhas, denominadas *Moinhos de Peneda*, firmados na ingreme penedia, ora nua, ora vestida de ridente vegetação.

Villa Real, sede do districto, da comarca e do concelho do seu nome, é formada por duas parochias: S. Diniz, e S. Pedro, e tem 6:106 habitantes distribuidos por 1:750 fogos.

Já em 1721 contava esta villa, bem digna de gosar os foros de cidade, 45 ruas, largas e bem calçadas, alem de muitas travessas, cujos nomes se podem ver nas *Antiguidades de Villa Real*, que a seu tempo publicaremos com muitos dezenhos do natural. Tem magnificos campos, praças, passeios, um jardim publico, tres conventos e um recolhimento, casa da roda para engeitados, um lyceu, uma bibliotheca publica, casa da misericordia com explendido e bem dotado hospital, muitas egrejas e varias capellas, um asylo de infancia desvalida, um asylo de intrevados, paços do concelho, palacio do governo civil, tribunal, theatro, club, cafés, muitas officinas de diversos mistéres, e typographias onde se imprimem os jornaes seguintes: *Commercio de Villa Real, Districto de Villa Real, Juventude, Villarealense,* e *Transmontano.*

Tem esta villa 30 edificios brazonados, sendo 26 particulares e 4 publicos, um chafariz monumental, e 13 fontes publicas de excellente agua potavel, alem de muitas nascentes de quintaes e hortas, o que, reunido ás condições alimentares, agrologicas e climatericas, muito concorre para a salubridade excepcional d'esta villa, onde a fecundidade da mulher é grande, e a longevidade dos habitantes mui notavel, pois ainda em julho de 1875 aqui falleceu Bento de Queiros com mais de 100 annos de idade, e o avô materno do auctor d'estas linhas com 112 em 1853.

O principal campo de Villa Real é o denominado *Campo do Tabolado*, onde se encontra o chafariz monumental, mandado construir em 1532 pelo benemerito villarealense protonotario, D. Pedro de Castro. Existia n'este campo uma galeria coberta, chamada *Arcos da Praça*, que se apoiava em 14 arcos de granito, mandada fazer pela camara municipal em 1749. Decorava esta galeria (ultimamente demolida para dar logar á construcção d'um novo mercado coberto) a estatua de Villa Real, em fórma de mulher, vestida (como Minerva sob o nome de Pallas) de guerreiro com lança, escudo e capacete pennachado, tendo no pedestal a inscripção seguinte:

> QUOD REGALE NOMEN GERO
> MIHI RUBORE PARTU EST
> REGIA NON ALITER NOMINA
> PARTA GERAS.

que talvez possa traduzir-se assim:

«O nome de *Villa Real* que tenho, conquistei-o com grande esforço. Não queiras titulos reaes obtidos por outra fórma.»

É ainda no Tabolado que, fronteiro ao antigo convento de S. Domingos, aonde está o mausoléu que encerra os restos mortaes da 3.ª avó paterna do nosso mais prodigioso artista da palavra, affectuoso amigo e mestre, o ex.mo Camillo Castello Branco, visconde de Correia Botelho, avultam entre outros edificios, as ruinas da nobilissima *Casa do Arco*, antigo solar dos marquezes de Villa Real. Este edificio tem soffrido muitas reconstrucções, mas ainda conserva um lanço com ameias e algumas janellas e portas ogivaes da primitiva construcção.

Se a indole do OCCIDENTE coubesse ampla descripção, transcreveriamos aqui o que de mais notavel acaba de ser publicado sobre Villa Real no diccionario *Portugal Antigo e Moderno* por Pinho Leal, onde o leitor achará a mais completa e primorosa descripção que sobre esta villa se tem publicado, feita pelo dignissimo continuador do diccionario, o nosso presado amigo e companheiro de trabalhos na serra da Estrella, o ex.mo dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaya, homem de grande erudição, profundo saber, caracter cavalheiresco, espirito generoso e coração dedicado a todas as virtudes.

Todavia, não resistimos á tentação de transcrever para aqui os trechos que se seguem:

«Villa Real desde a sua primitiva, escreve o nosso bom amigo, tornou-se um alfobre e tronco de grande parte da nobreza de Traz-os-Montes, e da do Minho e Beira, em manifesta contravenção do 1.º foral de D. Diniz. Teve mais familias nobres do que nenhuma das nossas villas e do que a maior parte das nossas cidades, incluindo Lamego e Guimarães.»

«Em quanto a nobreza e riqueza (antes da invasão phylloxerica) supplantava todas as villas e a maior parte das cidades do nosso paiz.»

«Muito poucas das nossas cidades (continua o illustre abbade) e nenhuma das nossas villas póde sustentar confronto com Villa Real na pompa do culto e das festividades religiosas.»

«Quem quizer vêr funcções brilhantes e um povo alegre e sympathico nas manifestações de regosijo publico dirija-se a Villa Real.»

A respeito do caracter moral dos filhos d'esta villa, o nosso saudoso amigo, o sr. conselheiro Rodrigo de Moraes Soares, a cuja memoria temos a honra de affirmar aqui o sentimento da nossa respeitosa gratidão, dizia muitas vezes: «O villarealense que é bom, é optimo; o que é mau, é pessimo. Não ha alli meios termos.»

Um mallogrado poeta transmontano, referindo-se ao villarealense define-o do modo seguinte:

> «Vejo o filho das montanhas
> Desmaiar junto da cruz,
> E tem de ferro as entranhas
> Quando empunha o arcabuz.»

A primitiva Villa Real fundada por el-rei D. Diniz é o bairro hoje conhecido por *Villa Velha*, e que se vê á direita do desenho atraz do *Pinheiro da Raposeira*, que está no primeiro plano do mesmo desenho, ficando pela sua posição topographica na extremidade meridional da moderna villa. Nunca comprehendeu mais do que o pequeno recinto antigamente murado, a egreja de S. Diniz, o adro ou largo da egreja, hoje cemiterio publico, e apenas vinte e tantos fogos. A egreja de S. Diniz é um templo venerando pela sua antiguidade e tradicções.

As sepulturas abertas na rocha, denominadas sepulturas dos moiros, umas para adultos, outras para creanças, que se encontraram no terreno contiguo ao sul da egreja de S. Diniz por occasião de se fazer o cemiterio publico em 1841 a 45, e o apparecimento de moedas de bronze chamadas dos moiros, e que não sabemos dizer se eram arabes ou romanas, porque as possuimos quando apenas contavamos 10 annos de edade, e mais cuidavamos de brinquedos que de numismatica, são indicios de que houve alli povoação anterior no local onde D. Diniz fundou a regia villa.

De tudo que a largos traços deixamos exposto se vê que esta encantadora villa pelo seu não vulgar conjuncto de dotes é importantissima e bem digna da qualificação que lhe confere a trova popular villarealense que reza assim:

> «Se das cidades é o Porto,
> Das villas, Villa Real
> E a terra mais formosa
> Do reino de Portugal.»

*A. Lopes Mendes.*

## O TUMULO DE D. FREI BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

Na egreja do extincto convento de Santa Cruz, hoje parochial de Nossa Senhora de Monserrate, em Vianna, ao lado esquerdo no presbyterio, existe uma portada em estylo dorico, de marmore de Cintra, vermelho e branco, e dentro d'ella um sarcophago: — «*Aqui jaz o Veneravel D. Frei Bartholomeu dos Martyres, aquelle virtuoso Prelado, que depois de fazer ouvir a sua auctorisada voz no Concilio Tridentino, trocou a purpura primacial pelo retiro de uma pobre cella d'este seu convento, onde finalisou seus dias, a 16 de julho de 1590, com 72 annos de idade, e 8 depois de buscar este asylo*».

Sepultaram-n'o os dominicos em sepultura raza, e ficou alguns annos, até que um seu amigo e collega no Episcopado, D. Jorge de Athayde, em 1607, realisou o intento de lhe levantar honrado jazigo, encommendando em Lisboa a pedraria lavrada.

Concluido o jazigo, effectuou-se a trasladação, com singulares festas, a que concorreram os povos de Portugal e de Galliza, como relata em vernacula phrase o chronista da Ordem dos Pregadores, Fr. Luiz de Souza, que deu á estampa a Vida do Arcebispo, que o Senado Viannez custeou, vindo ao convento o impressor Nicolau de Carvalho, no anno de 1619.

A egreja de S. Domingos é o mais vasto templo da cidade, tendo uma só nave; o seu fundador lançou-lhe a primeira pedra nos alicerces a 22 de Janeiro de 1566, concluindo-se o corpo principal em 1576, porém como os recursos foram minguando, varias familias nobres tomaram a si o cargo de concluir as capellas lateraes, onde estabeleceram rendosos vinculos: as oito capellas foram divididas pelos Jacomes do Lago (hoje Monfalim), Caminhas Regos, Sás Sotto-Maiores, Tavoras (hoje Correira), Maciels, Rochas Parizes, Viannas, e Salgados.

*L. de Figueiredo da Guerra.*

## ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

### XVIII

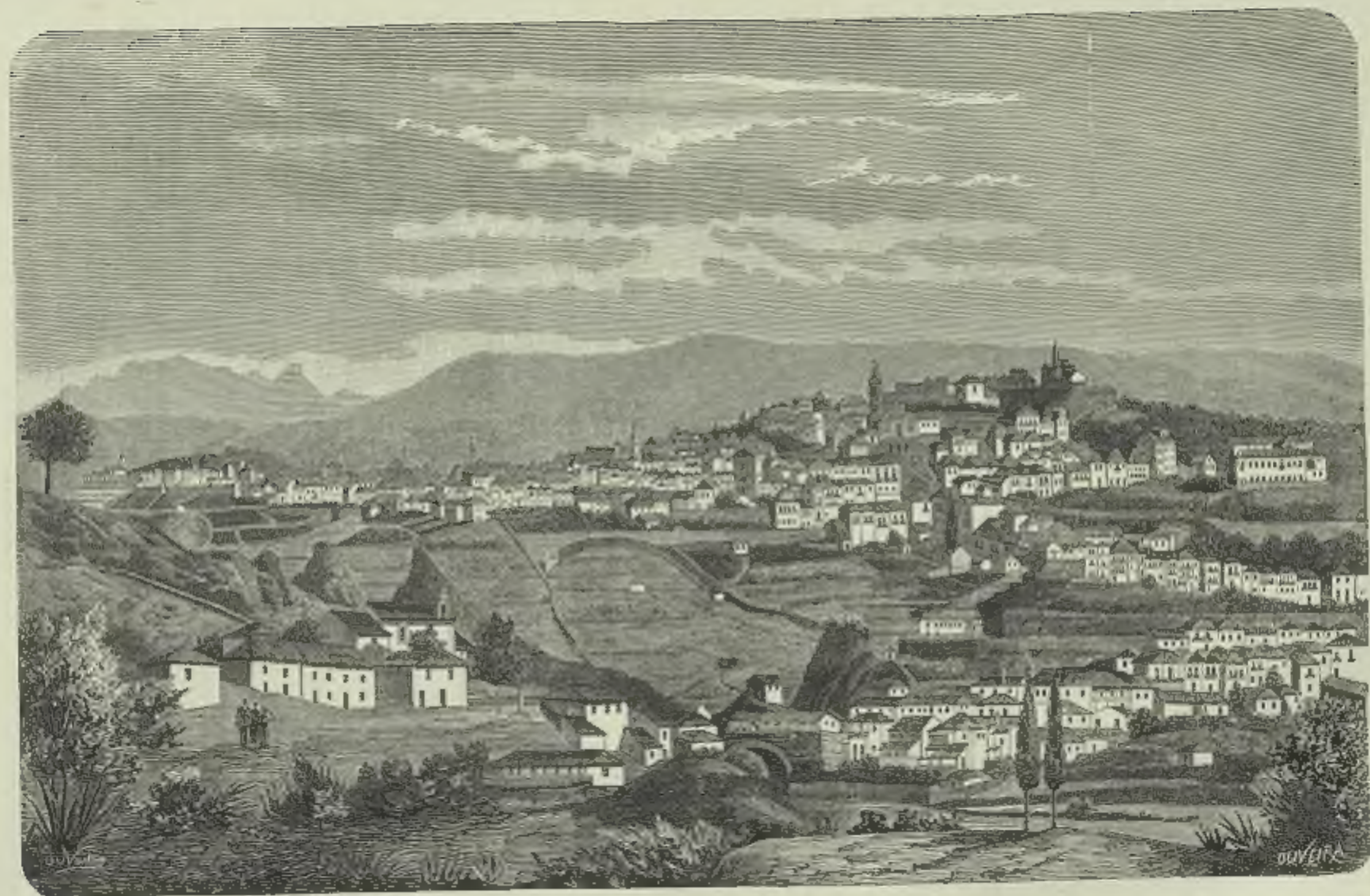
Os caminhos de ferro aereos de trem cylindrico pelo systema Meigs — As plantas angyospermias monocotyledoneas da flora portugueza — Especies uteis.

Os srs. Lowell engenheiro e Joe V. Meigs inventaram o meio de que os caminhos de ferro elevados circulem rapidamente e com segurança em curvas de pequeno raio. Este meio de conducção tão usado nas populosas cidades da America septentrional está representado em a nossa gravura.

Consiste em carruagens cylindricas sobre rodas inclinadas para o centro de gravidade do trem, de modo que a mesma pressão d'aquellas, da machina especialmente e do forgão exerça a resistencia proporcional para evitar os descarrilamentos.

Consta o trem de: locomotiva sobre plataforma de 7 1/2 pés inglezes de largura, com depositos addiccionaes de agua e de carvão, carruagem de viajantes de 40 pés de comprimento com duas fileiras de assentos lateraes e uma central e forgão. As quatro carruagens, incluindo a machina, são de fórma cylindrica, formadas por pranchas de ferro cuja espessura é de 3 a 9 pollegadas.

A *Companhia Elevated Railway* de Boston construiu no proposito de ensaiar o invento do sr. Meigs, um caminho de ferro elevado ou aereo com duas milhas de comprido, com tres curvas de 50 pés de raio por 165, 240 e 300 de trajecto e os resultados foram muito satisfactorios.

Villa Real de Traz-os-Montes (Desenho do natural pelo nosso amador sr. Lopes Mendes)

Caminho de ferro elevado de fórma cylindrica, invenção do engenheiro sr. Meigs
Vid. artigo "Actualidades Scientificas"

— O estudo da flora de Portugal vae adiantando-se de dia para dia com o gosto pelas excursões botanicas. Não será pois fóra de proposito darmos aqui resenha das familias das plantas angyospermias monocotyledonias da nossa flora, apontando algumas especies uteis. Esta vastissima classe contém as seguintes ordens de plantas: — *Fluviaes*, com flôres diclinas de orgãos de reproducção reduzidos, nús e solitarios, com fructo nucamentaceo monospermo ou utricular. Plantas imperfeitas e aquaticas. Familia das *Lemnaceas* e *Najadeas*. Ordem das *Spadicifloras*, flôres insertas n'um eixo carnoso ou espadice. Plantas aquaticas ou paludosas. Familia das *Zosteraceas*, *Potamogetonaceas*, *Aroideas* e *Typhaceas*. Ordem das *Glumaceas*. Plantas de flôres hermaphroditas ou unisexuaes, de perigonio rudimentar ou nullo, cingidas por bracteas — glumas, glumellas — quasi sempre dispostas em espigas e tendo por fructo um caryopso ou nucula monosperma. Familia das *Gramineas* e *Cyperaceas*. Ordem das *Ensateas*. Plantas de flôres hermaphroditas, perigoneo 3 ou hexaphyllo quasi sempre regular, solitarias, em espiga, racymo, umbella ou cymo, ovario infero, capsula polysperma; folhas lineares ou ensiformes. Familia das *Irideaceas*, *Amaryllideaceas*, *Agaveaceas*. Ordem das *Elobias*, flôres hermaphroditas, raramente unisexuaes, perigonio hexaphyllo regular ou calix trisepalo e corolla tripetala, solitarias ou racymosas umbelladas ou verticilladas paniculadas. Multos pistillos livres, raramente — na dioicas — o ovario infero. Fructo follicular mono-polyspermo, raramente carnoso indehiscente polyspermo. Plantas aquaticas e paludosas. Familia das *Alismaceas*, *Butomaceas*, *Hydrocharideaceas*. Ordem das *Gynandreas*, flôres hermaphroditas, perigonio irregular hexaphyllo, dispostos em espiga, racymo ou solitarias. Estames condunados no estylete. Ovario infero. Capsula polysperma. Familia das *Orchideas*. Ordem das *Scitamineas*. Flôres hermaphroditas ou polygamas, perigonio henaphyllo irregular ou calix trimero e corolla hexamera, em racymo, espiga ou espadice. Estames livres, ovario infero. Fructo capsular, ou baga ou drupa, polyspermo. Familia das *Musaceas*. Ordem das *Coronareas*. Flôres hermaphroditas, perigonio hexamero quasi sempre regular em espigas, racymos, umbellas, cymos, paniculas ou solitarias. Estames 6 livres ou monadelphos. Ovario no maior numero supero. Capsula ou baga polysperma. Familia das *Juncaceas*, *Aphyllanthaceas*, *Colchicaceas*, *Dioscoreaceas*, *Smilaceas* e *Liliaceas*. Ordem dos *Principes* ou *Palmeiras*. Flôres diclinas, de perigonio hexamero regular collocadas em espacides racymosos. Estames muitos monadelphos. Ovario supero. Drupa ou baga mono ou trisperma. Folhas grandes reunidas em coma terminal. Familia das *Palmas* ou *Palmeiras*.

De algumas d'estas familias, deixando para mais tarde nos occuparmos das *Alismaceas*, *Colchicareas*, *Liliaceas* e *Gramineas*, indicaremos as especies mais importantes. Começaremos pela familia das *Palmeiras*.

A *Palmeira das vassouras*, *Chamoerops humilis* Linneu ou *Phoenix humilis* de Cavanilles, encontra-se nas regiões estereis, aridas, arenosas e rochosas da Peninsula austral. Em Hespanha chamam-lhe *palmito*. Em Portugal tem o nome vulgar que acima lhe démos e é cultivada em alguns jardins. A *Palmeira tamareira* ou *da egreja*, *Phoenix dactylifera* Linneu ou *Phoenix excelsior* de Cavanilles, cultiva-se em quasi todas as quin-

Tumulo de Frei Bartholomeu dos Martyres,
na egreja do extincto convento de Santa Cruz, em Vianna do Castello
(Desenho de Ribeiro Arthur)

tas e jardins de Portugal. Tem as folhas pinnuladas e os foliolos ensiformes. Os fructos são drupas oblongas da grandeza das ameixas ordinarias. Attinge algumas vezes, em Africa ou ainda mesmo na Andaluzia e Algarve a altura de 25 a 30 metros. Os arabes fazem com as tamaras sem os caroços uma especie de xarope muito agradavel. Os antigos preparavam pela fermentação das tamaras em agua um vinho, que ainda hoje se usa na Africa, e do qual se extrae agua-ardente pela distillação, que aromatisada diversamente é muito usada na Arabia. A *farinha de tamaras* de que os arabes se servem como alimento nas longas perigrinações atravez o deserto, faz-se expondo aquelles fructos ao sol e seccos são reduzidos a pó. Conservam-se assim por muito tempo. O *vinho de palmeira* obtem-se fazendo uma incisão no tronco e recolhendo n'um vaso o succo, que escorre em abundancia. É doce, mas altera-se rapidamente. A madeira é durissima e serve nas construcções e as folhas maceradas em agua tornam-se boas para a fabricação de cestos, esteiras, chapeus, etc. Os periodos dão filamentos com que se fabricam cordas. Os caroços das tamaras queimados entram na composição da *tinta da China*. Em Hespanha, reduzidos a pó depois de carbonisados servem para limpar os dentes. As palmas triumphaes dos heroes e dos martyres são as folhas da *tamareira*. Familia das *Smilaceas*: *Lirio convalle*, *Convallaria maialis* Linn, cultiva-se em Portugal pela fórma graciosa das flôres de esplendida alvura, reunidas em cacho, como perolas globulosas, as quaes destacam na côr verde escura de duas ou tres grandes folhas ovaes. As capsulas são vermelhas e conteem tres sementes. As flôres seccas servem de esturnenatorio e o seu perfume é aproveitado na perfumaria. O *Sello de Salomão C. polygonatum* Linn, tem as folhas alternas, amplexicaules; caule bigumeo; pedunculos axillares quasi unifloros. Provem-lhe o nome vulgar dos lineamentos angulosos em fórma de *sello* ou de *signo*, que apresenta o rhizoma ou caule subterraneo, quando é cortado um pouco obliquamente. Habita nos sitios sombrios e um tanto humidos nos arredores de Coimbra e outros pontos. Floresce na primavera. O *Espargo hortense*, *Asparagus officinalis* Linn, cujos grellos se usam como alimento é cultivado nas hortas, mas encontra-se espontaneo e silvestre nas visinhanças das povoações. A *Corruda menor* ou *Espargo bravo de folhas agudas*, *Asp. acutifolius*, Brotero e Linneu, é arbusto de caule anguloso, com aculeos lineares, rigidos, quasi iguaes e faniculados. Habita na Estremadura e no Alemtejo e em toda a zona mediterranea. Os pimpolhos tenros d'esta especie são bons para comer. Os gregos e os romanos como os nossos modernos gastronomos apreciavam em alto grau os espargos e preparavam-n'os por meio de uma fervura tão prompta que ficou em proverbio: *Velocius quam asparagi coquuntur*, diz Suetonio. No tempo do epigrammatico Martial, os espargos cultivados nos arrabaldes de Ravenna passavam por serem os melhores:

*Mollis in aequorea quae crevit spina Ravenna:*
*Non erit incultis gratior asparagis.*

O espargo é diuretico, mas communica cheiro *sui generis* ás urinas, quando não é preparado com vinagre. Existe no povo a crença de que as pessoas, que esfregarem a pelle com o succo dos espargos não são mordidas pelas abelhas. O *Espargo branco* ou *Asp. albus* Linn, encontra-se espontaneo nos arredores de Lisboa e outros pontos da Estremadura. A *Dragoeira*, *Dracaena Draco* Willkomm, cultiva-se nos jardins de Lisboa, Porto, etc. Os antigos guanchos das ilhas Canarias dedicavam-lhes a essas arvores uma especie de culto. Da casca escorre pela incisão uma materia resinosa vermelha, conhecida pelo nome de *sangue de drago*, que foi em tempo usada na medicina e actualmente só serve nos pós dentrificos e na fabricação de vernizes. A *Legação* ou *Salsa-parrilha da Europa*, *Smilax aspera* Linn e Kunth, é planta muito espinhosa, dura, secca, de ramos angulosos, folhas cordiformes, ovaes ou lanceoladas; flôres pequenas, muito cheirosas, brancas, dispostas em cachos terminaes. As plantas pistilladas dão bagas vermelhas. Cresce nos vallados, por entre as pedras, tapumes, sebes e reveste as rochas maritimas; floresce no outomno. A raiz é sudorifica como a da salsa parrilha americana. É muito commum nos arrabaldes de Lisboa, Carcavellos, Espinhaço de cão, Obidos, Caldas da Rainha. Familia dos *Juncaceas*. O genero typo d'esta familia é o *Juncus* Linneu, mais ou menos desmembrado pelos botanicos modernos. Como todas as plantas que habitam nos logares humidos, os juncos são duros, pouco agradaveis ao paladar e por isso fornecem má forragem. Todavia não são inuteis. Na Hollanda quasi que os cultivam para manter as terras na beira mar; na Allemanha a raiz é usada como diuretico e em algumas provincias da França a medulla do *Juncus communis* Mey, serve para torcidas de candeia ou lamparina. Em Portugal entre outras especies crescem o *J. acutus* Lange, ou *junco dos jardineiros* que serve para atar as plantas, formando caniçados, parreiras, etc. O mesmo uso tem o *Juncus diaphragmarius* Brotero, ou *J. glaucus* Lange, que se encontra como o primeiro nas ribanceiras de rios e de regatos. Familia das *Musaceas*. A *Bananeira commum*, *Musa paradisiaca* Linn, cultiva-se com vantagem nos jardins, assim como outras especies e variedades. A *Musa ensete*, chega a possuir folhas de tres metros de comprimento e dois de largo, e com a nervura central de côr vermelha. Na quinta das Virtudes, no Porto, possue o sr. Marques Loureiro exemplares que medem 4^m e 78 de circumferencia no tronco. Esta planta dá-se ao ar livre, ainda mesmo no inverno. Familia das *Orchideaceas*. Acham-se espalhadas sobre todo o Globo, mas abundam especialmente nos logares humidos da zona tropical, pela maior parte parasitas sobre os troncos e as raizes das arvores. A belleza das suas flôres e a raridade das especies exoticas fizeram taxar algumas d'ellas em elevado preço. Um exemplar, por exemplo, da *Anagraecum sesquipedale*, cujas flôres são de branco marfim e com um esporão muito comprido, não custa menos de 30$000 réis. Ha todavia especies de mais elevado preço. Fallemos, porém, de algumas das que crescem espontaneas em Portugal. O *Salepo ordinario*, *Orchis morio* Linn. tem as flôres purpurinas, ou amarelladas, o labio inferior fendido em quatro lacinias, crenulado; o esporão ou rostro obtuso, horisontal ou remontante, pouco mais ou menos de metade mais curto que o ovario. Habita nos prados do Alemtejo e Caparica. A *Orchide fetida*, *Orchis coriophora* Linn, tem o labio inferior trifendido, e as folhas lineares, agudas. Acha-se nos montes calcareos das visinhanças de Coimbra, Cintra, etc. O *Salepo maior*, *Orchis mascula* Linn, tem as bracteas uninervadas, membranosas, purpurinas, quasi tão compridas como o ovario. Habita perto de Coimbra e outros pontos das provincias do norte. O *Satyrião militar*, *O. militaris* Linn, cujo caule offerece na extremidade um modelo de penacho militar, do comprimento de duas pollegadas, composto de flôres purpurinas, algumas vezes com mistura de côr de rosa e de branco. Cresce nos muros antigos, montes calcareos. A *Orchide pyramidal*, *O. Pyramidalis* Linn, tem o labello ou divisão inferior do perigonio com dois corniculos e mais tres lacinias iguaes e inteiras, o esporão comprido. Habita nos arredores de Bellas e Cascaes. O *Satyrião bastardo ou de folhas largas*, *O. latifolia* Linn, acha-se nos prados humidos da Beira, Extremadura e Alemtejo. As flôres fórmam espigas cylindricas: as tres lacinias petaloides superiores são conniventes, formando capacete; as duas lateraes muito abertas, a inferior larga, ponteada e ligeiramente dividida em tres lobulos. Além d'estas e d'outras podemos citar a *Herva vespa*, *Ophrys lutea* Linn, que se acha nos sitios calcareos perto de Lisboa, Coimbra, etc. A *Herva abelha*, *Op. scolopax*, Brotero na *Phitographia lusitanica* e denominada *Op. vernixia* pelo mesmo auctor na Flora lusitanica, acha-se nas collinas calcareas. O Salepo é a fecula contida nos tuberculos de todas estas plantas e especialmente da *Orchis morio* e *Orchis mascula*. Os gregos modernos chamam a essa fecula *salepi* e os orientaes attribuem-lhe propriedades aphrodisiacas. A familia das *Irideaceas* tem por typo o genero *Iris* do qual Willkomm e Lange apresentam 14 especies da flora da peninsula hispanica. O *Acóro bastardo* ou *Lirio* dos charcos, *Iris pseudo-Acórus* Linn, chamado tambem Lirio amarello, *Iris lutea* Lamarch, habita nas lagôas de uma e outra parte do Tejo, e de outros rios. O *Lirio fetido*, *Iris foetidissima* Linn, é bi ou tri-flôr e tem o perigonio amarello azulado. Habita nos sitios humidos. Ambas estas especies teem propriedades analogas á do Lirio germanico, *Iris germanica* Linn, que não pertence á flora portugueza. A raiz d'estas plantas póde servir á fabricação das pequenas contas, que servem de conservar a irritação nas chagas artificiaes ou *fontes*. Duas especies de Açafrão existem em Portugal. O *Açafrão bravo do outomno*, *Crocus autumnalis* Brotero, *C. serotinus* Salisbury e Willkomm, e o *Açafrão da primavera*, *C. vernus* Allioni, que é a variedade *verna* do *C. sativus* Linn. Habitam na Estremadura, na Beira, Douro e Minho. Quanto ao *Açafrão do commercio*, empregado como estimulante, só se encontra cultivado. Tem grande influencia sobre o utero e as suas emanações podem produzir convulsões, com terminação funesta. A acção da luz priva o Açafrão da sua côr e o torna quasi inerte. Familia das *Cyperaceas*. A *Junça de cheiro*, *Albafor*, *Cyperus longus* Linn, tem o colmo folhoso, triangular; umbella folhosa, sobrecomposta; pedunculos nús e espigas alternadas. Habita nos logares humidos e paludosos. A raiz foi em tempo usada como sudorifico. A raiz do *C. esculentus* Linn, é comestivel. Acha-se nos arredores de Lisboa e outros logares, em sitios umbrosos e humidos.

*João de Mendonça.*

# AS NOSSAS GRAVURAS

## CASA DO EX.^mo SR. JOSÉ BERNARDO DE ALBUQUERQUE EM QUELIMANE

Não é um monumento ostentoso ou edificio celebremente historico o que apresentamos aos nossos leitores, nas paginas do OCCIDENTE, mas é um documento eloquente de civilisação na Africa portugueza, tão mal julgada e apreciada entre nós, e que por isso mesmo, mais convém conhecer e glorificar os poucos que por ella se interessam e para ella concorrem com o esforço do seu trabalho e intelligencia.

Está n'estes casos o ex.^mo sr. José Bernardo de Albuquerque, ajudante da conservatoria de Quilimane e advogado da comarca, que pela seriedade do seu caracter, intelligencia e assiduidade, tem sido um dos mais prestantes portuguezes em terras africanas.

Indo para Africa ainda muito novo, alli tem residido por espaço de vinte annos, prestando serviços á provincia, que a sua modestia nos occulta, mas que ao menos se podem avaliar nas propriedades que tem edificado e adquirido, com o que muito tem concorrido para o desenvolvimento material d'aquelle paiz.

Attestam-o as suas excellentes propriedades em Mussulga, Marrongane e Quelimane, onde tem a sua residencia, na que faz o assumpto da nossa gravura.

É uma bella habitação situada em frente dos Paços Municipaes, no largo do Concelho. A sua construcção solida e apropriada ao clima, estende-se por uma area de 28 metros de fundo por 32 metros de frente, além de um vasto armazem de 50 metros de comprimento por 6,50 metros de largura.

Está, pelo que se vê, perfeitamente localisada, e é dos melhores edificios que se encontram em Quelimane, onde edificações como esta não abundam, pela simples razão da população europea ser muito limitada, e os indigenas viverem em habitações muito elementares, que não se recommendam nem pela belleza nem pela confortabilidade.

Esta circumstancia mostra quanto está ainda atrazada a civilisação n'aquelle paiz, e portanto, a grande difficuldade que ha em se fazerem construcções regulares, para o que faltam uma certa ordem de materiaes e operarios habilitados, tendo, em geral, que se recorrer á Europa para obter uma e outra cousa.

Por isto se vê que qualquer edificação regular que se encontra na nossa Africa tem uma importancia bem differente do que á primeira vista parece, porque essa edificação representa sempre um esforço consideravel, e um amor áquelle paiz, digno de ser imitado, porque só assim, se irá povoando aquelle vasto imperio, que só tem mingua de dedicações que o façam progredir e elevar, concluindo a grande obra iniciada ha quatro seculos pelos portuguezes.

# CHRONICAS DE ODIVELLAS

## V

Á direita abre-se-nos a porta da casa de jantar, uma das mais simples. É uma pequena sala circular armada toda em redondo de melania amarella com passamanes e franjas cor de perola. Meza singella, tamboretes doirados com assentos de velludo amarello e passamanes de prata, placas de espelho doiradas, bufete de charão negro e oiro.

Entremos agora nos aposentos que eram os verdadeiros templos da divindade alli adorada. A dona d'estas opulencias passeia na cerca a sua ociosidade acompanhada pela sua irmã. O rei despacha em Lisboa com os seus secretarios de Estado, e, em-

quanto elles lhe falam nas negociações d'Aix-la-Chapelle, pensa sua magestade provavelmente n'essa alcova mysteriosa, n'esse ninho de seda e oiro, onde se abrigam os seus amores, e onde vamos agora penetrar furtivamente.

Logo de começo uma coisa nos surprehende: dormem no mesmo quarto Paula e Maria da Luz! Ha aqui um requinte de devassidão, e passam se n'este quarto as scenas lubricas e infames descriptas pela penna vingativa e impudente de Marie Colombier quando conta a seu modo a infancia de Sarah Bernhardt? Ou, pelo contrario, procurava assim colorir ainda um pouco a sua situação equivoca a freira madeirense, e o pequeno leito de Maria da Luz não estava alli senão para salvar as apparencias?

Entremos em todo o caso. A armação d'essa esplendida alcova é toda de melania carmezim, e a melania era uma fazenda que então se usava de seda ondeada, porque ainda tinhamos n'esse tempo o costume de darmos ás fazendas nomes portuguezes, em vez de importarmos de França affectadamente os *damasses*, e os *moires*, e os *foulards*. A melania pois era, como dissemos, uma fazenda de seda ondeada, e de melania carmezim com franjas e galões de oiro era a armação do quarto. Dois espelhos enormes vestiam duas das paredes, abrangendo-as todas. Eram aquelles espelhos de Nana, tão amorosamente descriptos pelo romancista francez, aquelles espelhos diante dos quaes Nana mirava a sua nudez formosa e impudica. Na terceira parede, por cima da porta, um relogio, que acompanhava com a melodia vagarosa dos minuetes as scenas de que esse quarto era theatro e mudos espectadores esses maravilhosos moveis-contadores de charão negro e oiro com pés e topetes de talha doirada, bufetes doirados, cadeiras carmezins com pés e braços de talha doirada e passamanes de oiro.

Em placas de espelho doirados ardiam discretamente as velas cor de rosa que illuminavam docemente o quarto mysterioso. Ao fundo o leito de pau santo da freira ostentava se com extraordinaria opulencia debaixo da sua armação de seda carmezim com sobreceo em apanhados, franjas e galões de oiro. O leito é de esculpturas, envolto n'uma lamina de prata doirada que se abre por tres partes, e as esculpturas de oiro macisso em relevo representam santos, porque, não contente de os conservar no oratorio d'essa profana freira, até D. João V os levava para alli a serem testemunhas e protectores dos actos menos edificantes d'este mundo. É verdade que para o dia do juizo final arranjou D. João V umas testemunhas que lhe hão de dar agua pela barba.

A roupa da cama era o que se poderia esperar de todos estes esplendores: lençoes de Hollanda com preciosas rendas e crespos travesseiros, cobertores e colcha de seda-florão de fios de oiro.

A cama da irmã era egualmente rica, e só não tinha a lamina de prata doirada.

A cabeceira emfim dos dois leitos (que até a estas minuciosidades desce o redactor d'esta preciosa descripção) viam-se os bufetes de charão doirado, com um panno coberto, e em cima do panno um prato de prata da Allemanha.

Eram de prata emfim esses utensilios mysteriosos que representam no quarto de uma mulher formosa, no lado do que ha de mais poetico e perfumado, o que ha de mais prosaico e de mais degradante para a belleza ideal. Estas periphrases evita-as o auctor que vamos seguindo, que não recua diante do nome proprio.

O que porem corôa e completa esta singular mistura do sagrado e do profano é que entre as duas camas havia dous pios de prata, adivinhem com quê?

Não! podem devanear o que suppozerem de mais extravagante e mais odioso, de mais repugnante e de mais torpe, de mais sacrilego e de mais abjecto, e não podem imaginar o que é que o rei freiratico mandou collocar ao pé do leito, onde o recebia nos braços niveos a freira gentil que o enfeitiçara. Não podem suppôr o que era que tinha alli ao lado da cama onde praticava o maior peccado que um catholico podia commetter, a violação dos votos mais sagrados, o perjurio mais sacrilego, a profanação de uma castidade que se votara a Deus, o adulterio emfim com a esposa de Christo, segundo a phrase consagrada. Já era curioso que assistissem immoveis ás scenas que alli se passavam os miseros santos de oiro macisso, mas este ultimo traço é para nós o mais espantoso e o mais singular. Ao lado da cama de soror Paula, da mesma forma que ao lado da cama de sua irmã, havia uma pia de prata... *com agua benta!*

É medonho, não é verdade? Emquanto em Odivellas o rei freiratico tinha junto da cama, onde impudentemente peccava contra as leis mais sagradas do catholicismo, agua benta, queimavam-se judeus no Campo da Lã, a Inquisição dominava o paiz, e o mais insignificante peccado era punido com as mais horriveis torturas.

Para que servia a agua benta n'aquelle logar? Nem queremos imaginal-o! Seria possivel que a aproveitassem para odiosas abluções? Tudo se pode acreditar, porque a nós, homens de hoje, é-nos impossivel comprehender o que se passava nos espiritos dos homens do seculo XVIII, d'esse seculo em que o catholicismo e o monarchismo tinham chegado, á força de se requintarem e de se exaggerarem, a uma degeneração pasmosa, em que, da mesma forma que o homem volta na velhice aos habitos e quasi ao pensar da infancia, assim o catholicismo se transformára em fetichismo, e a veneração do soberano no culto que aos despotas consagravam os povos nas primitivas monarchias da Asia.

*Pinheiro Chagas.*

---

## A expedição ao Muata Yanvo

(Continuado do n.º 279)

Desde que constou no interior que a expedição se dirigia áquelle Estado, passaram-se successos que haviam de ter uma importancia capital no seu destino.

Quando chegaram ao ponto que ficou denominado *Cidade do Porto* havia trez mezes que alli os esperava um *D. Sebastião*, da *Lunda*, do qual é necessario fazer especial menção.

D. Sebastião é um personagem que se achava expatriado havia cerca de doze annos, e ao qual pertencia o governo do Estado pelo fallecimento do Muata Yanvo *Muteba*. Este fôra envenenado para entrar em seu logar *Xanand*, o qual foi morto para ser substituido por *Quibinda*, mas como este não agradasse foi tambem morto para lhe succeder *Cangapua*. Foi por fim Cangapua mandado matar para entrar no governo o actual Muata Yanvo *Muriba*, irmão mais novo do *Quibunsa*, o D. Sebastião referido.

Ora este, logo que lhe constou que a expedição partia de Malange para aquelle estado, apresentou-se aos povos de *Lunda*, e dirigiu communicações para o Estado, fazendo saber que, se não estavam contentes com o governo, lh'o participassem, porque n'esse caso esperaria e seguiria para lá com o seu amigo *Muene Puto*, que ia para *Mussumba*. Já se sabe que aquelle nome designa o rei de Portugal, e por extensão o seu delegado.

É certo que em janeiro, estando elle em terras de Nzova, e sabendo que a expedição tinha chegado á margem direita do *Cuango*, estação Costa e Silva, partiu d'alli para o *Ca-sá-su*, para onde sabia que ella se dirigia.

Não se tinha feito sigillo da marcha, nem era possivel fazel-o, porque, desejando seguir pouco mais ou menos um determinado parallelo, era natural que se fossem tomando informações pelos diversos povos, muito principalmente com gente de *Lunda*. Ora, logo no principio, em Malange, se apresentou ao chefe um *Cacuata Tambu*, com quem elle entrou em relações, e a quem prestámos bons serviços, que elle foi aproveitando em favor do seu D. Sebastião.

Dirigiram-se portanto para o *Ca-sa-su* de accordo com Tambu, e alli eram esperados pelo D. Sebastião.

Tomou corpo e vulto para leste do *Ca-sa-su* a noticia que se espalhara de que *Quibunsa-Yanvo*, homem já de cincoenta annos, havia apparecido e vinha reclamar os seus direitos á posse do governo do Estado, e agora apoiado pelo seu amigo *Muene Puto*, em cuja companhia vinha.

É facil de ver em que complicações este movimento politico ia envolvendo a expedição; surgiam difficuldades para a marcha, por isso que algumas povoações de Lunda fugiam á sua approximação, por supporem que os expedicionarios os enganavam e os queriam levar como escravos para o novo Muata. Só com muito rogo e a muito custo se podia arranjar um ou outro carregador, e isto para ir de povo em povo, jornadas de não mais de trez dias.

Ganhando tempo, os potentados dos terrenos a leste, receando-se do novo Muata, e informados sempre da marcha da expedição, foram mandando sempre seus representantes acompanhados de pequenos presentes, em signal de amisade, mostrando a sua adhesão e os desejos que teem de que *Quibunsa Yanvo* (D. Sebastião) apresse a sua marcha, a fim de tomar quanto antes posse do Estado, por isso que todos estão muito descontentes com *Mubira*, o actual Muata, que os expolia com tributos enormes (tambem por lá já se conhece isto!), e tem feito matar os velhos e grandes potentados do Estado, cercando-se de creanças, dando tambem muita força aos *quiocos*, inimigos declarados da Lunda.

Estas embaixadas e presentes e protestos de adhesão tinham-se sempre continuado até á data das ultimas noticias, 28 de novembro do anno passado.

Na dependencia dos potentados para alcançar carregadores, e ouvindo todos os dias o que se dizia a respeito das questões do Muata, viu-se o chefe em grandes embaraços, sem saber pelo que se havia de determinar.

O desasocego de espirito era constante. Debalde se tomam pareceres, se consultam mappas e cartas, defficientissimas para aquellas localidades. As entrevistas com povos diversos e seus enviados amiudavam se, ora são *bengalas*, ora *quiocos*, ora *lundas* de differentes potentados; os carregadores de diversas proveniencias, a variedade de serviços e de estudos, e a politica ainda no meio da Africa a envolvel os nas suas roscas pestilentes.

Tudo isto trazia os nossos expedicionarios alterados, excitados, temerosos, e um pouco vagos nas suas resoluções, e comquanto nas noticias que nos enviaram sejam um tanto mais largos do que nas outras muito concisas que temos visto publicadas em varios periodicos, todavia ainda nas que temos presentes se encontram a cada passo expressões como estas: *seria longo contar tudo; não tenho sido nem posso ser muito extenso*, etc., etc. O unico recurso que teem a tomar no meio de trabalhos demandados, e em regiões como aquellas, é entregarem se á *aventura*, e recordarem-se de que estão representando no ultimo quartel do seculo XIX o papel dos cavalleiros andantes dos seculos XIV e XV, e confiarem em Deus, na sua consciencia, na sua razão, e um tanto nas suas armas, ainda que de pouco lhes poderiam servir, se os innumeraveis povos que os rodeiam os não tivessem por amigos.

O nosso dedicado informador, ao falar-nos das difficuldades, duvidas e perigos que os cercavam n'esses momentos, conclue: — Assim nos deixamos ir n'esta *aventura*, que outra coisa não é o que estamos fazendo, e que em qualquer paiz civilizado nos podera já ter sido bem fatal!

(Continúa) *J. B.*

---

## RESENHA NOTICIOSA

Terremotos. Em toda a Grecia, nos Estados Unidos e ainda em outras partes se teem sentido, ha mais de um mez, varios tremores de terra que teem produzido, alem de muitos prejuizos materiaes, perda de muitas vidas e muitos ferimentos. O numero das victimas em toda a Grecia tem sido, até ás ultimas noticias, de mais de trezentos mortos e de seiscentos feridos. Em Rougie, na Argelia, tambem no dia 7 se sentiram dois grandes abalos de terra. Nos Estados Unidos a maior catastrophe foi em Charlestown. Durante alguns dias sentiram-se varios abalos violentos, causando logo o primeiro a destruição de muitos edificios, e o incendio de uns vinte. Dois terços do bairro mercantil foram destruidos, a cidade está completamente em ruinas. Por emquanto as listas officiaes davam sessenta individuos mortos e mais de cem feridos, mas já se sabe que ainda não é esta a cifra definitiva. Os navios ancorados no porto nada soffreram; tendo se o mar conservado tranquillo, apezar do movimento vir do sudoeste. Os prejuizos materiaes são já avaliados em cerca de dez milhões de dollars. Parou a marcha dos comboios, não saindo d'ella nem chegando a ella nenhum durante dias. A população abandonava as casas, e a menor oscillação do solo, fazia cair muitas que ainda se conservavam de pé. Os negros e mulatos aterrados, fugiam em todas as direcções, e com seus gritos e medos augmentavam o horror da situação; como são muito supersticiosos entregavam-se á pratica de um sem numero de abusões, julgando chegado o fim do mundo. Só passado algum tempo se poderá conhecer o numero de victimas sotterradas nos entulhos. Em a noite de 1 do corrente ás 11 horas e 55 minutos um repellão violentissimo deitou abaixo mais algumas casas. Todos os relogios estão parados nas 8 horas e 40 minutos; os edificios publicos destruidos em grande parte, os habitantes dormindo em barracas pelos campos, e começava se a sentir fome. O mesmo que succedeu entre nós em 1755. — Corria o boato de que a cidade de Summerville estava tambem em ruinas, e de que havia egualmente muitos estragos e grande numero de victimas no leste da Georgia e nas duas Carolinas. O tremor sentiu-se distinctamente em muitos outros

AFRICA PORTUGUEZA — Casa do ex.^mo sr. José Bernardo de Albuquerque, em Quelimane
(Segundo uma photographia de B. Klech)

pontos, nomeadamente na cidade de Colombia, que ficou destruida, havendo grande numero de mortos e feridos. Esquecia-nos dizer que no dia 4 do corrente pelas 10 horas e meia da manhã começou a cair sobre Charlestown uma verdadeira chuva de pedras miudas, sem saber d'onde provinham, e que vinham com tal força que penetravam na terra. Este phenomeno durou alguns minutos, chegando a cobrir ruas, praças e telhados com uma camada da espessura de dois a tres centimetros. A impressão e terror que causou nos habitantes foi grande, sem que se tenha podido explicar a causa de tão extraordinario successo.

Visitas de principes. É esperado em Lisboa o principe Augusto Leopoldo Filippe Maria Miguel Gabriel Raphael Gonzaga de Bragança Bourbon, segundo filho do duque de Saxe Luiz Augusto Maria, almirante da marinha brazileira, e da princeza D. Leopoldina Thereza Francisca de Bragança Bourbon, filha do imperador do Brazil D. Pedro II, fallecida em 1871. O principe é official da marinha imperial do Brazil e vem a bordo da corveta brazileira *Almirante Barroso*. É tambem esperado em Lisboa, na proxima primavera, o rei Oscar II da Suecia, principe muito illustrado e de uma grande predilecção pelas sciencias, artes e lettras.

Bodas de prata. Celebrou-se no dia 12 do corrente, no castello de Sigmaringem, a festa das bodas de prata da infanta D. Antonia, irmã de S. M. el-rei D. Luiz, casada com o principe Leopoldo de Hohenzollern. Foi uma festa de familia a que assistiu el-rei D. Luiz, que alli se achava de visita. A infanta D. Antonia Maria Fernandes Michaella Gabriella Raphaela d'Assis Anna Gonzaga Silveira Julia Augusta de Bragança Bourbon, duqueza de Saxe, nasceu a 17 de janeiro de 1845 e casou com o principe Leopoldo Estevão Carlos Antonio Gustavo Eduardo Thavsilo de Hohenzollern a 12 de setembro de 1861. D'este casamento nasceram tres filhos: o principe herdeiro Guilherme Augusto Carlos, hoje tenente do 1.º regimento da guarda prussiana; o principe Fernando Victor e o principe Carlos Antonio. O governo portuguez felicitou, pelo telegrapho, a nobre filha de D. Maria II, a que sua alteza correspondeu em sentidas phrases de reconhecimento á sua primeira patria.

Offerta ao Jardim Botanico da Universidade de Coimbra. O infatigavel explorador sr. José de Anchieta offereceu ao Jardim Botanico da Universidade dois caixotes, que vieram no vapor Benguella, com productos zoologicos, botanicos e paleonthologicos, collecionados nas suas continuadas excursões pelo sertão africano.

Casamento do infante D. Affonso. A imprensa estrangeira tem-se referido com certa insistencia a um projecto de casamento do infante D. Affonso de Portugal, com a princeza Luiza de Galles, filha terceira do principe de Galles, ou com a princeza Henriqueta de Flandres, filha segunda do conde de Flandres, irmão do rei Leopoldo II da Belgica, e sobrinha por affinidade da infanta D. Antonia.

# PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Revista da secção da Sociedade de geographia de Lisboa no Brazil**, *director dr. Antonio Zeferino Candido. Rio de Janeiro. Typ. e lith. de Moreira Maximino & C.ª, rua da Quitanda, n.º 111 e 113. 1885*. Encerra este fasciculo um importante artigo do sr. Zeferino Candido, *Politica colonial*, no qual analysa o modo como foi resolvido este assumpto pelo tratado de Berlim, e o novo principio de direito internacional que d'elle surgiu. Mostra as vantagens que d'alli resultaram á França, á Allemanha, á Belgica, e quanto ao nosso paiz, que foi o bode expiatorio, diz: *Portugal apenas teve a vantagem de perder tudo. Os seus territorios e dominios foram reconhecidos ou livres e pertença de todos, ou francezes ou belgas. A conferencia não foi inteiramente adversa a Portugal*, diz irrisoriamente o illustre escriptor, *porque sempre lhe concedeu o direito de ficar com uma parte do que era seu e ficou com os seus limites demarcados e fixos*. — *O serviço meteorologico nos Estados-Unidos*, pelo sr. Cruls. — Um interessante artigo — *Roberto Dias e as minas de prata, segundo novos documentos*, pelo sr. Capistrano d'Abreu, onde se acham preciosos documentos sobre este curioso ponto da nossa exploração e administração colonial, bastante baralhado por alguns historiadores. — *A expedição de Capello e Ivens*, etc.

**Penitenciaria central de Lisboa**, *Relatorio apresentado ao Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Ministro dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça*, pelo director Jeronymo da Cunha Pimentel. Anno de 1885. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1886. — 8.º francez de 171 paginas. O decreto de 20 de novembro de 1884 no seu art. 46, impõe ao director da penitenciaria a obrigação de enviar ao governo até o 1.º de março de cada anno, um relatorio de administração da cadeia no anno antecedente, e o primeiro director d'ella desobriga-se d'este encargo por maneira honrosa. Nomeado director encontra-se á frente de um edificio d'aquella importancia e magnitude sem ter a planta d'elle, que debalde requesita; encontra os encanamentos do gaz em mau estado e tambem lhe falta a planta d'elles, para poder acudir aos pontos estragados, e tem que desistir d'esse empenho, reformando a canalisação, substituindo-a por outra de ferro; não conhece igualmente a canalisação da agua, e quando lhe apparecem os primeiros presos, a 2 de setembro de 1885, encontra-se n'estes embaraços e não obstante as prescripções de toda a especie, elle acha o edificio em muitas partes não satisfazendo completamente, ou algumas de suas partes não podendo applicar-se ao numero de reclusos que tem a dirigir. A primeira partida d'estes recebida no referido dia é em numero de doze, e n'esse mez recebem-se mais 16, no outubro seguinte 5, em novembro 39 e em dezembro 17, findando pois o anno com 89 presos, cujos crimes, sentenças, naturalidades, grau de instrucção e mais circumstancias vem expressas em mappas illustrativos, havendo a notar que d'elles, são hespanhoes quasi a sexta parte. Organisa o director as diversas officinas de trabalho, á custa de improbos e indefessos cuidados, bastando mencionar que o Ministerio das Obras Publicas para lhe fornecer tres bancos de carpinteiro gastou cinco mezes, ao passo que logo que a officina de carpinteiro poude trabalhar e que auctorisado pelo Ministerio da Justiça poude comprar madeiras, se fizeram dez em poucos dias. Estão organisadas as officinas de sapateiro, de carpinteiro, de esparteiro, de guardasoleiro, e esperava organisar a de serralharia; mas é necessario procurar venda aos productos, apresentando para isso alguns alvitres. Ao mesmo tempo distribuia-se aos presos instrucção litteraria e religiosa conveniente, e já com grande aproveitamento. Tem havido todo o cuidado na hygiene e hoje, mesmo os banhos, que ao principio os presos usavam com desgosto, não são tão mal recebidos. Emfim o relatorio mostrando os defeitos d'este estabelecimento nascente, patenteia ao mesmo tempo como um funccionario zeloso, intelligente, e todo dedicado ao seu ministerio póde attenuar esses defeitos, melhorar o serviço, regulamental-o e estudar todos os pontos d'elle, para propôr os aperfeiçoamentos e reformas que julga necessarios, afim de se tirar d'elle toda a utilidade. Deve ser lido por todos tão interessante relatorio.



Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.